

## CHAMPS ELYSÉES

Horácio Costa<sup>1</sup>

*These days which, like yourself,  
Seem empty and effaced  
Have avid roots that delve  
To work deep in the waste.*

James Merrill, *Late Settings*

Estou eivado de auto-piedade.  
Aquele bolsão lipídico do sovaco,  
lembra-se<sup>2</sup>, que já se fazia presente  
na Impressão da Viagem  
de 1980  
não fez senão aumentar.  
O pé esquerdo com frequência incha.  
Não disse inca, Manco Capac,  
Tupac Amaru: disse incha.  
“Gonfle”, em francês.  
Não refresca nada saber o verbo  
na língua de Valéry. O pé esquerdo  
continua inchado.

Era de tarde e entramos no casarão  
de D. Inocência Prates  
na Rua Guaianases. Aí aprendi  
que o Trianon existira antes do MASP

---

<sup>1</sup> Poeta, tradutor, professor e ensaísta. Publicou, entre outros livros, 28 Poemas / 6 contos (1981), Satori (1989), O Livro dos Fracta (1990) e Quadragésimo (1999). Leciona Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo (USP).

e que os bailes a fantasia no carnaval  
pegavam fogo, em plena Paulista.  
D. Inocência nos recebeu tão  
humildemente. Frágil, mal vestida,  
mas no salão tinha um par de dunquerque  
cobertas de mármore, bem Napoléon III  
e poucas antiguidades mais.

Em cinco minutos, narrou  
o que de importante havia  
em sua memória:  
há 40 falava de um mundo  
de havia 50 anos.  
Hoje passei frente à que fora sua casa  
na Rua Guaianases. Com o pé esquerdo  
inchado. O casarão de Dino Bueno  
continua lá e tantos outros  
preservados pela acertada decisão corporativa  
da Grande Empresa de Seguros.  
A memória pode, sim,  
ser comprada, e negociada,  
e, claro, vendida,  
para lá dos metros lineares  
das lombadas de livros falsos  
que adornem bibliotecas  
dos CEOs das ditas  
Grandes Empresas de Seguros.

Todos tão de si mesmos inseguros,  
tais CEOs? Já não comprarão lombadas  
em marroquim, às vezes sem sequer  
incomodarem-se por não terem

títulos os volumes...

Venceslau Pietro Pietra foi  
devidamente, pós-modernamente  
substituído por executivos que sabem  
que em cada poema há uma gota de sangue  
e que muito sofrimento é necessário  
*pour un air de guitarre...*

Já não é tão caricata  
São Paulo! o gosto, o dito  
bom-gosto, imiscuiu-se  
pela retina adentro dos detentores  
do dinheiro... Não comprem  
livros por metro linear:  
compram casarões cenográficos  
e os enchem de móveis do melhor design  
ao pé de prédios de construção recente  
que por sua vez enchem de operadoras  
de atendimento telefônico à distância.  
Quem duvida e de bilioso me indigita,  
que leia *L'Esthétisation du Monde:*  
*vivre à l'âge du capitalisme artiste*  
de Lipovetsky, *chez* Gallimard.  
Ponto,  
não final.

E sempre terá sido assim?  
Na Suméria, em Paris?  
Será este o natural  
caminho da cultura?

D. Inocência Prates, que nome,

*mamma mia*, deve ter morrido  
há muito e haver sido enterrada  
(onde?) talvez pelos seus locatários  
finais. Havia gatos.  
Muito *à la romaine* havia gatos.  
Claro que nunca mais os vi.  
Estas são as memórias urbanas  
que compartilho com o improvável  
deste texto, leitor.  
Sim, felinos: subidos nas dunquerques,  
de trás das *girandoles* de Sèvres capengas  
nas quais faltavam os pingentes de Baccarat  
e cuja estrutura de *ormolu*  
encontrava-se oxidada ou suja.  
Olhavam-nos com a estudada compaixão  
dos gatos, sem simpatia mas com beleza.

Assim foi.  
Hoje há nuvens baixas:  
as mesmas que terão visto sobre estes campos  
ditos elíseos, les Champs Elysées de São Paulo,  
o *parvenu* João Ramalho  
e a sua índia Bartira?

O patrimônio histórico de São Paulo  
encontra-se em boas mãos:  
em porto seguro.  
Mas a memória da memória  
é ainda, por hoje, minha.

Cai a noite –nuvens bem bem  
baixas- sobre a extensa mole

urbanizada.

Como uma aquarela.

Quem a comprará?

Quem dá mais?

Este poema.

*Et mon pied gauche,*

*biensûr, est encore gonflé.*

Osasco, 13-22.I.14, na comemoração do 460º aniversário de São Paulo